Acervo ISA

Documentação
Título: O Estado do Paraná
Data: 9/6/96 Pg 27
Classe: 1892

Projeto resgatará cultura indígena

O objetivo é preservar a floresta, e melhorar as condições de vida sem agredir a sua cultura

Luciana Schenatto
Fotos: Átila Alberti

Mangueirinha (Sucursal de Pato Branco) - Um projeto de preservação ambiental e desenvolvimento auto-sustentado começa a ser desenvolvido na Reserva Indígena de Mangueirinha com a expectativa de reverter o quadro de miséria e depredação do meio ambiente e resgatar a cultura dos índios caingangue e guaranis. O projeto, inédito no Brasil, é a primeira ação integrada que será desenvolvida na reserva desde que a área foi delimitada, em 1903.

A intenção é preservar a maior floresta de Araucária nativa do mundo e buscar sustentabilidade cultural, social, econômica e cultural dos índios que habitam a reserva. Esta semana começaram a funcionar na reserva dois centros de cultura indígena, três postos de fiscalização, portais e quatro viveiros florestais. Com isso a questão indígena estará inserida em todas as áreas de atuação do poder público: saúde, educação, transporte, segurança pública e meio ambiente. "Os índios poderão fiscalizar a retirada ilegal de madeira, que era um dos maiores problemas até pouco tempo atrás, preservar a cultura e encontrar fontes alternativas de renda com a produção de mudas", explica o secretário especial para assuntos indígenas no Paraná, Edívio Batistelli.

☐ *Portal da reserva indígena de Mangueirinha.*

Embora a entrada em funcionamento do projeto não garanta o seu êxito, a comunidade indígena e os profissionais ligados à questão acreditam que o primeiro passo foi dado para a melhoria da qualidade de vida da população da reserva. "Estamos com uma condição estrutural capaz de garantir a reversão do quadro que se instalou nas últimas décadas em favor do fortalecimento da cultura", comenta Batistelli.

Desafio - O grande desafio a partir de agora é fazer com que a estrutura existente funcione e dê resultados. É prematuro dizer que o programa vai mudar a história dos índios que vivem em Mangueirinha, mas um ponto fundamental para o êxito do programa é que se tenham pessoas preparadas para lidar com as etnias distintas que vivemna reserva, não é possível improvisar", diz a antropóloga Cecília Helm, que atualmente está designada pela Justiça para fazer uma perícia na área da reserva que está em litígio.

Para o índio Pedro Seg-Seg, presidente do Conselho indígena regional, os resultados positivos do programa não estão assegurados, mas o ponto favorável para a concretização do projeto é que há uma mobilização de conscientização intensa na reserva. "Há alguns anos estamos realizando um trabalho de preparação e conscientização do índio e os resultados disso já estão aparecendo, como por exemplo, a secretaria especial de assuntos indígenas e o próprio programa elaborado para melhorar a vida na reserva", diz Seg-Seg. Ele lembra que a conscientização é o primeiro passo para recuperar a personalidade do índio. Agora, diz ele, temos que nos preocupar com a capacitação dos nossos índios para que o projeto funcione efetivamente. ■

Figura do pajé ainda é reverenciada

Ele não se parece em nada com personagens de pajés exibidos nos filmes americanos. Mesmo vestido de calça "jeans", jaqueta e boné, o pajé da aldeia guarani, Aristides Gabriel, de 76 anos, é respeitado pela comunidade e seu trabalho está longe de deixar de ser últil.

O pajé Gabriel Aristides mantém uma grande tenda no alto da aldeia guarani onde recebe todas as noites grupos de índios em busca de cura para o corpo e o espírito. "Dançamos cantamos, rezamos para espantar as coisas ruins e também fazemos remédios com plantas que encontramos na mata", conta o pajé. Além disso, lembra, ele é uma espécie de conselheiro para a comunidade. Jovens e até índios adultos buscam na experiência do pajé a orientação para as dificuldades do cotidiano.

A medicina tradicional, no entanto, não é desprezada. Na reserva será construído posto de saúde permanente (por enquanto o atendimento é esporádico). Mesmo quem busca a medicina tradicional não abre mão dos chás e pomadas fabricadas artesanalmente.

O pajé, que é também o guarani mais idoso da aldeia, é um dos principais incentivadores da preservação das culturas caingangue e guarani. "Minha parte estou fazendo", diz ele com orgulho. Está ensinando dois outros índios da sua família para continuar o trabalho. "Este é o primeiro passo para a preservação da nossa cultura", lembra "seu" Aristides. ■

☐ *De calça jeans, jaqueta, boné e violão, ele é mesmo o respeitado pajé da aldeia guarani.*

Mesmo sem traje típico a tradição é mantida

Embora a miscigenação entre índios e não índios exista na maioria das famílias de guaranis e caingangues que habitam a reserva, ainda existe quem faz questão de viver o máximo possível de acordo com seus antepassados. A família de Noemia Fernandes, uma das índias guaranis mais antigas da tribo (ela não lembra a idade), ainda vive assim.

Dona Noemia teve seis filhos (três já morreram) e todos usam o nome em português, mas mantêm o nome indígena, inclusive seus netos e bisnetos. Dona Noemia em guarani é chamada de Iva (nome do mato). Ela é quem comanda a família que vive na aldeia guarani dentro da reserva indígena de Mangueirinha.

Em meio à pobreza e a doenças, a tradição guarani sobrevive. Toda a família fala o Guarani até melhor do que o Português e os casamentos são feitos entre guaranis. "Somos uma família de guaranis puros", diz ela com orgulho.

Na rotina da família, além das atividades domésticas e agrícolas, a visita diária ao pajé é quase uma obrigação. "Todas as noites eles vão até a casa do pajé, um senhor bem humorado de 76 anos, que tem a missão de rezar, fazer remédios e dar conselhos aos mais jovens. Apesar de ninguém mais usar roupas típicas indígenas (na festa desta semana apenas alguns índios vestiram-se a caráter), a cultura ainda sobrevive nas casas de madeira e disputa espaço com as calças "jecans" e em alguns casos até com os eletrodomésticos. ■

Artesanato poderá ser uma fonte de renda

O artesanato fabricado pela maioria das famílias guaranis e caingangues que moram na reserva agora terá uma incentivo especial. No centro cultural inaugurado esta semana há um espaço destinado especialmente para a manutenção desta arte. Além disso se pretende que a habilidade se transforme em alternativa rentável para as famílias.

"Até as crianças sabem fazer as peças do artesanato indígena, então porque não aproveitar o trabalho para aumentar a renda da família? " questiona o secretário especial para assuntos indígenas no Paraná, Edivio Batistelli. A intenção, a partir de agora, é que a própria comercialização das peças seja orientada pelos profissionais que vão atuar no centro de cultura indígena. A maior parte do artesanto fabricado na reserva era vendido na beira da estrada que corta a reserva.

Enquanto os homens trabalham na produção de mudas e cuidados com a agricultura e pecuária, o artesanato é uma das principais atividades desenvolvidas pelas índias. "Não que os homens não produzam, mas agora que temos outras formas de sobreviver, esta deverá ser uma atividade basicamente das mulheres e crianças", diz Batistelli. ■

☐ *Até crianças sabem fazer artesanato. Por isso poderá ser fonte de renda para a família.*

Equilíbrio entre índio e natureza

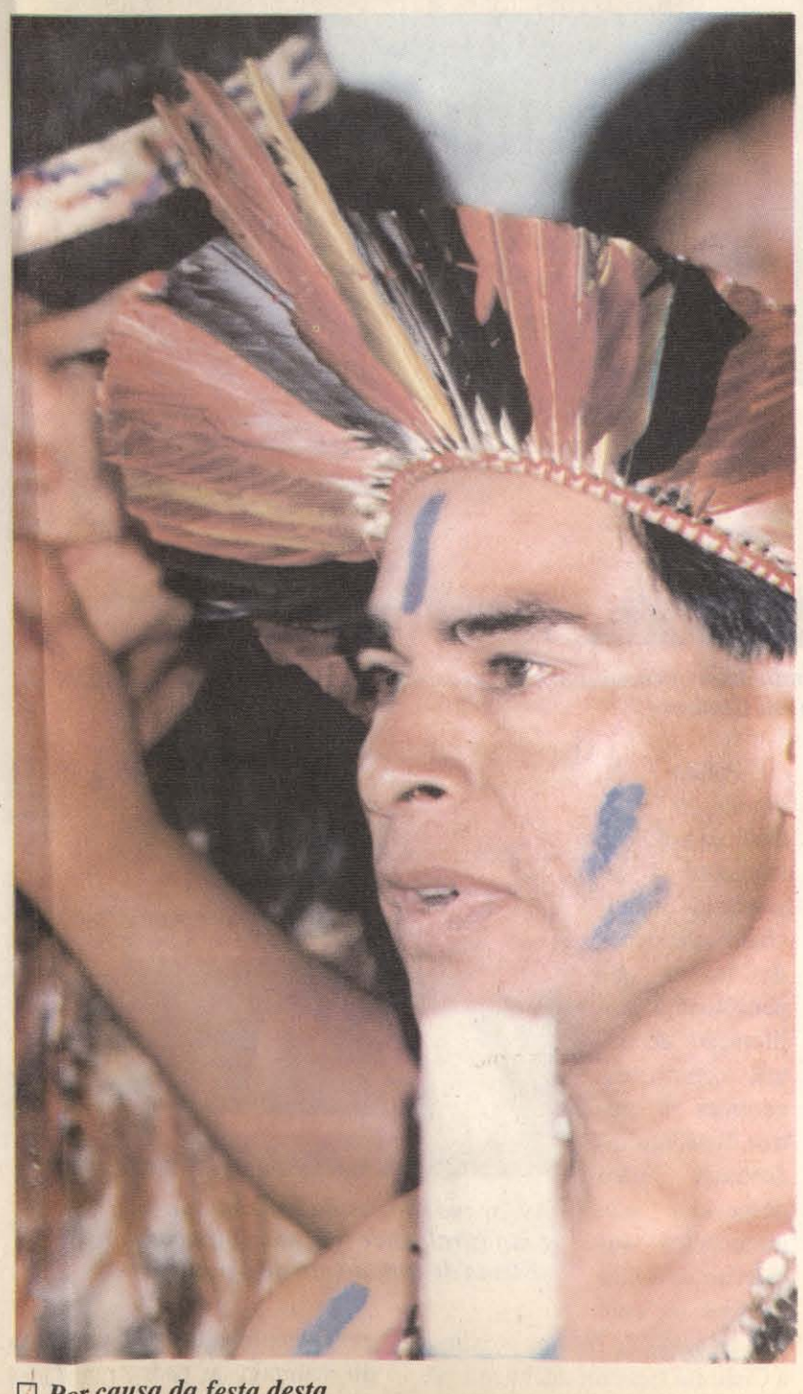
Recuperar a coexistência harmônica entre a população indígena e a natureza (do ponto de vista ecológico) é um dos principais objetivos do conjunto de ações que começam ser desenvolvidas na Reserva Indígena de Mangueirinha. Este é também o primeiro passo, na avaliação das lideranças indígenas e também dos técnicos que trabalharam no projeto para restabelecer um equilíbrio que historicamente sempre existiu nas relações entre índios e o meio ambiente.

A receita para que o programa alcance resultados positivos é a parceria entre as instituições responsáveis e a comunidade local. Este é o objetivo da criação dos centros de cultura indígena, que tem como proposta a implantação do Programa de Integração à Infância e Adolescência Indígena (Piaí), que vai atender cerca de 400 crianças com idade entre 7 e 17 anos. Pretende-se desta maneira preservar a língua materna, através do ensino bilíngue e da educação envolvidas, desenvolver ações ambientais e promover o desenvolvimento de atividades produtivas.

A implantação de quatro viveiros florestais para a produção de mudas de espécies nativas (destinadas a comercialização e a recuperação das áreas degradadas da própria reserva), são a principal alternativa de renda prevista no programa. Os viveiros terão capacidade produtiva de 200 mil mudas por ano.

O viveiro no entanto é uma das alternativas incentivadas. Há um compromisso do governo estadual em assegurar programas que promovam alternativas sócio-econômicas às comunidades indígenas, como artesanato, agricultura, pecuária, silvicultura, fábrica de cerâmica, beneficiamento de produtos agrícolas e o cultivo de plantas medicinais, além do extrativismo feito de acordo com os padrões indígenas, mas conforme os critérios ambientalmente corretos.

O controle da exploração dos recursos naturais da reserva será feita pela Patrulha Indígena, o principal objetivo é impedir a saída ilegal de madeira, o arrendamento de terras e a comercialização de animais silvestres. Isso tudo, feito juntamente com um trabalho de conscientização, uma vez que os índios também retiraram muita madeira e também animais da reserva. ■



☐ *Por causa da festa desta semana alguns índios se vestiram a caráter.*

☐ *Dona Noêmia, destaque, comanda a família guarani que vive na aldeia, inclusive netos e bisnetos.*